

## O Mito do lobo

### A importância de um grande predador na cultura das comunidades rurais

Texto: ©2005, Francisco Álvares\*

\* Biólogo do Grupo Lobo/Faculdade de Ciências de Lisboa  
[mailto:francisco\\_alvares@hotmail.com](mailto:francisco_alvares@hotmail.com)

Na pré-história, durante milénios, o lobo ocupou todo o Hemisfério Norte do planeta, ocorrendo em diferentes tipos de habitats. Pela mesma altura, coexistia com este canídeo, outra espécie igualmente adaptável e abundante: o Homem. Baseados nas manifestações culturais e artísticas que o Homem pré-histórico nos deixou, parece que este possuía uma relação de culto e admiração para com o lobo, representando-o com formas espantosamente realistas e correctas. Com efeito, apesar de neste período histórico da humanidade, poder ser possível a



predação do lobo sobre a nossa espécie, este nunca é representado como um animal ameaçador. Um indício deste relacionamento, é-nos dado pela forma como as sociedades primitivas ainda actualmente existentes vêem o lobo, onde quer que ambas as espécies coexistissem. É o caso das culturas indígenas da América do Norte, onde o lobo era um animal admirado e venerado, cujo nome era atribuído aos guerreiros mais valentes e prestigiados. Apesar de o Homem e o lobo se alimentarem dos mesmos animais (principalmente grandes ungulados), os indígenas possuíam um profundo conhecimento e admiração pela biologia e ecologia do lobo, uma vez que no seu folclore o lobo é referido como tendo um importante papel no ecossistema, devido à sua posição de super-predador que controla o número e estado sanitário das suas populações presas.

No entanto, no Neolítico, o Homem começa a cultivar campos e a domesticar animais, num processo que leva progressivamente à sua dissociação com o ecossistema envolvente. Com a domesticação dos animais domésticos por parte do Homem a atitude para com o lobo foi-se tornando mais negativa devido aos prejuízos que este predador provocava no gado. No entanto, o lobo continua ainda a ter um importante papel totémico e de veneração por parte de vários povos, já em épocas históricas mais recentes. No Antigo Egipto, dois importantes deuses, Hórus e Anúbis, eram identificados com o deus lobo arcaico Upwaut, filho de Isis-Nephyhys. Como é do conhecimento geral, era crença na Roma antiga que a fundação desta cidade se deveu a dois gémeos, Rómulo e Remo, amamentados e criados por uma loba, considerada Deusa ou Grande Loba no culto romano primitivo da Lupa ou Feronia, que era

anualmente venerada nas Lupercais ou Festivais da Loba. Na mitologia dos povos germânicos o lobo, apesar de possuir uma expressão de grande ferocidade, representava uma peça fundamental na interpretação do Universo e Cosmos. Para os povos Celtas (nomeadamente os Irlandeses), o lobo era um animal sagrado, constituindo um dos totem de clãs mais populares na Europa pré-cristã, onde periodicamente, muitas tribos "tornavam-se lobos" em festivais religiosos, usando máscaras e peles deste predador. No que diz respeito concretamente aos povos ibéricos do Noroeste da Península, o lobo foi um importante animal totémico, sendo um dos motivos animais mais representados em vasos, urnas e pratos cerimoniais dos antigos Iberos.



Imagem do século XVIII representando a "Besta de Gevaudan", que se crê ter sido um lobo (gravura de autor desconhecido, retirada do livro de H. Ménatory "La Bete du Gevaudan", de 1997)

Na Europa medieval, reconhece-se igualmente uma certa admiração e veneração do lobo, uma vez que existe uma frequente utilização da sua imagem como emblema heráldico de famílias nobres, e na arte arquitectónica de construções Românicas. Contudo, nesta época histórica o lobo instaura-se com todo o seu simbolismo de animal diabólico, sendo conotado como uma besta maligna e feroz, devoradora de homens, mulheres e crianças. As causas desta atitude poderão ser várias e complexas: o espírito medieval de medo indefinido que nasce do sentimento de indefesa do Homem face às forças da natureza, sendo o lobo uma delas; outra causa poderá ser também o sentimento de antropocentrismo vigente na época, que invalida e impugna a realidade ecológica das distintas espécies animais e por fim, a origem deste simbolismo associado ao lobo poderá estar principalmente, na utilização do lobo por parte da Igreja Católica, como símbolo satânico, animal que põe em causa "o rebanho de Deus", ou seja, a Humanidade Católica. A grande religiosidade das gentes medievais, depressa assimilaram esta ideia dando ao lobo uma dimensão feroz e sobrenatural. Essa imagem do

lobo terá posteriormente expandido-se por todo o Novo Mundo através das viagens de descobertas e colonizações dos vários países Europeus, sendo ainda transmitida até aos nossos dias na forma de vários contos infantis, como "Os três Porquinhos", "O Pedro e o Lobo" ou "O Capuchinho Vermelho", onde o lobo é sempre um animal diabólico e feroz. Esta imagem humana do lobo, embora encontre-se muito longe da realidade biológica e ecológica deste carnívoro selvagem, tem contribuído em muito para a sua perseguição e extermínio implacável nos últimos séculos.

### **O Lobo na cultura das comunidades rurais**

No meio rural o lobo não possui, normalmente, uma imagem real mas sim uma projecção mítica e cultural. Com frequência, a imagem do lobo, para as comunidades agro-pastoris, possui um carácter duplo do animal: por um lado totémico, associado à figura de um Deus e reminiscência das culturas pré-romanas; e por outro, diabólico, encarnação dos poderes infernais e herança da mentalidade religiosa medieval. Nas actuais comunidades agro-pastoris das montanhas do Norte Ibérico sobreviveu até hoje um rico património cultural relativo à sua relação com o lobo, possivelmente devido à sua grande religiosidade, associado ao isolamento em que sempre viveram (bastante patente há poucas décadas atrás, quando a maioria das aldeias não possuíam acesso para veículos motorizados). Este património é expresso em várias lendas, mitos, crenças e aspectos materiais, muitos deles ainda hoje vivos nos habitantes serranos do Norte da Península Ibérica, e que já será difícil encontrar em outras regiões da Península Ibérica e até mesmo da Europa.



Aldeia do Barroso  
Fotografia :  
©Francisco Álvares

Com o objectivo de inventariar e caracterizar as diferentes manifestações culturais da relação Homem-Lobo no Norte de Portugal, foi iniciado em 1997 pelo autor e pelo antropólogo Pedro Primavera, um estudo no extremo Norte de Portugal, e em especial na região do Barroso

(Concelhos de Montalegre e Boticas / Trás-os-Montes), que consistiu na realização de entrevistas directas efectuadas aos habitantes rurais mais idosos, em cerca de 90 aldeias.

Com base nos resultados deste estudo, as manifestações culturais da relação do Homem rural com o lobo, que ainda se podem encontrar nas zonas serranas do Norte de Portugal podem estar relacionadas com dois tipos de causas: podem resultar da figura do lobo como uma ameaça real (ao ser humano ou aos animais que possui) ou do lobo como ser mítico e sobrenatural. No entanto, deve-se referir que muitas vezes estas duas visões do lobo estão intimamente ligadas, uma vez que o conflito Homem-Lobo não se baseia tanto no lobo como um "devorador" de gado - e portanto inimigo da comunidade pastoril - mas sim como um animal portador de uma essência maligna e sobrenatural, típica de um ser infernal por excelência. As crenças e mitos associados ao lobo no extremo Norte de Portugal possuem bastantes afinidades com a imagem do lobo presente no folclore da Galiza, Astúrias e Norte de Castela e Leão, sugerindo que os povos que habitam as regiões montanhosas do Noroeste Ibérico possuem uma linhagem étnica e cultural semelhante, com bastantes elementos comuns.

#### **- O lobo como uma ameaça real**

Sem qualquer dúvida, o lobo constitui uma ameaça aos rebanhos de ungulados domésticos, provocando desde há séculos importantes prejuízos económicos, na já débil economia rural. Desta forma, o Homem desenvolveu várias formas de prevenir a predação do lobo sobre os animais domésticos. Uma dessas formas e que constitui um legado quer cultural, quer biológico, são as raças autóctones de corpulentos *cães-de-gado* (como o "Castro-Laboreiro", o "Serra da Estrela" e o "Rafeiro Transmontano") utilizados na protecção dos rebanhos de pequenos ruminantes contra o lobo e que frequentemente utilizavam *coleiras* ou *arneses*, constituídas por pregos que protegiam os cães dos ataques de lobos. Originalmente as coleiras e arneses (estes últimos protegiam os ventre, dorso e flancos do cão, constituindo verdadeiras armaduras) eram efectuadas em ferro e latão, constituindo peças de grande valor tecnológico e algumas delas verdadeiras obras de arte elaboradas pelos ferreiros. Embora o uso dessas coleiras e arneses em metal fosse muito difundido há cerca de três décadas atrás, actualmente a sua utilização é bastante mais pontual, tendo vindo a ser progressivamente substituídas por coleiras de cabedal com pregos.



Fojo do lobo de paredes convergentes em Gondomar (Vila Verde / Minho)

Fotografia: ©Francisco Álvares

Com o objectivo de prevenir a predação do lobo sobre os animais domésticos, é de referir também os vários meios e estruturas utilizados para capturar e matar o lobo, entre eles sendo de destacar o fojo do lobo. Estas estruturas destinavam-se à captura de lobos através de três tipologias distintas: o fojo simples, constituído por uma simples cova escavada no terreno, onde o lobo caía através de diversos meios, como a colocação de isco vivo ou morto, batida ou através de um mecanismo de alçapão giratório; o fojo de cabrita, constituído por um recinto fechado por um alto muro de pedra mas de fácil acessibilidade desde o exterior, colocando-se no interior um isco vivo; e o fojo de paredes convergentes, formado por duas longas paredes de pedra ou madeira (podendo cada parede possuir mais de 1000 metros de comprimento) que convergem para um poço, onde o lobo cai, acochado por uma batida efectuada por um elevado número de pessoas. Os fojos do lobo terão uma origem secular, sendo a sua utilização generalizada no fim do século XIX e existindo ainda algumas destas estruturas a serem utilizadas nas décadas de 60/70 do século XX.

A prática da caça ao lobo com recurso aos Fojos atingiu, nas montanhas do Norte Ibérico e mais de que em qualquer outro local do Mundo, uma elevada especialização técnica e operativa. A prática da caça ao lobo com recurso aos Fojos atingiu, nas montanhas do Norte Ibérico e mais de que em qualquer outro local do Mundo, uma elevada especialização técnica e operativa. Contudo, os fojos, autênticos monumentos de elevado valor histórico, científico, etnográfico e grande potencial turístico, encontram-se na actualidade num estado ruinoso de conservação, principalmente devido à acção, directa ou indirecta, do Homem. No entanto, nos

últimos anos tem-se realizado alguns projectos de valorização cultural destas estruturas (nos Concelhos de Vila Verde, Vieira do Minho e Montalegre), contando alguns deles com o apoio do Grupo Lobo.

A captura de um lobo num fojo era motivo de grande satisfação e regozijo popular, descarregando-se então todos os medos acumulados e todos os ódios reprimidos contra o "lobo maligno". O lobo cativo, ainda vivo, era passeado por toda a aldeia e arredores, acabando posteriormente por ser morto. A pele dos lobos mortos eram muitas vezes oferecidas a personalidades influentes da região ou, mais raramente, utilizada pelos populares, nomeadamente, em acontecimentos festivos, como o Carnaval (onde a figura do lobo possuía uma carga simbólica). Devido à grande resistência da pele, era por vezes ainda utilizada no fabrico de "seifões", aventais utilizados para ceifar, e de "cobertas" para proteger as cabeças das parelhas de vacas utilizadas como tracção



Caçador com lobo nos ombros, na década de 50, na Serra da Cabreira (Vieira do Minho / Minho)

Arquivo Francisco Álvares/Grupo Lobo

Se a predação do lobo sobre os animais doméstico é uma realidade, já o ataque a seres humanos, nomeadamente em épocas recentes, carece de fundamento científico. A tradição oral do Norte de Portugal está repleta de histórias, supostamente reais de lobos atacarem, perseguirem ou, mais raramente, consumirem caminhantes solitários, episódios esses perfeitamente identificadas no que diz respeito aos intervenientes, ao espaço e ao tempo. No entanto, na maioria das histórias recolhidas

são semelhantes ou iguais às existentes no Noroeste Ibérico, nomeadamente na tradição oral Minhota, Galega, Asturiana e do norte de Castela e Leão. Desta forma a população não faz mais do que adaptar lendas de tradição oral à realidade ou a pessoas conhecidas. É de referir que na origem destas histórias poderá estar a curiosidade dos lobos, que os leva frequentemente a seguir caminhantes, desde uma distância para eles segura, mas sempre sem ter qualquer atitude agressiva. Na realidade desconhecem-se casos reais e documentados, de

ataques de lobos a seres humanos nas últimas décadas. A única aparente excepção serão os três casos ocorridos na Galiza, durante a década de 70 do século XX, de lobos que supostamente terão morto ou ferido mortalmente crianças, mas cujos verdadeiros responsáveis poderão ter sido cães assilvestrados. O lobo possui medo do Homem e evita-o sempre que possível, o que torna o seu ataque a seres humanos bastante improvável. Uma prova deste facto poderá ser a ausência de registos de ataques aos inúmeros contrabandistas que percorriam sós e durante a noite, as serras raianas em meados do século XX, altura em que o efectivo das alcateias eram maiores do que na actualidade. No entanto, existem registos históricos do século XVIII e XIX, do consumo por lobos de cadáveres humanos, nomeadamente em alturas de pestes ou batalhas (nomeadamente durante as invasões napoleónicas ou durante invernos muito rigorosos), que a serem realidade, tratam-se de casos de necrofagia e não de predação de humanos. Também existem abundantes e até recentes (meados do século XX) referências credíveis de ataques de lobos raivosos a humanos, que posteriormente esta doença provocava a morte das vítimas, mas nestes casos os lobos envolvidos tratavam-se de animais doentes, com perturbações ao seu comportamento normal provocadas pela Raiva.

#### **- O lobo como ser mítico e sobrenatural**

O fascínio, o ódio e o medo que o lobo sempre produziu no Homem ao longo de séculos, foi-se traduzindo na aparição de uma imensa infra-estrutura de carácter folclórico e legendário que utiliza este predador como protagonista. Como resultado, o lobo é envolto por um conjunto de crenças, tornando-se em um lobo cultural, que só se encontra no imaginário popular e é protagonista das histórias transmitidas, durante gerações, nos serões de Inverno em redor da lareira, mas que nada tem a ver com a realidade deste ser vivo.

No extremo Norte de Portugal conservou-se até aos dias de hoje várias destas crenças, como por exemplo, de "*quando uma pessoa é observada pelo lobo sente um arrepio e fica com os cabelos em pé (podendo com isso o seu chapéu ser atirado ao chão), pelo contrário, se vê um lobo antes de ele se aperceber da sua presença, perde-se a fala durante horas ou dias*". Existem ainda, muitos testemunhos de pessoas que quando observaram um lobo, principalmente em crianças, ficaram momentaneamente sem fala, resultado do choque causado pelo medo de observar este animal tão temido. Outras crenças denotam a dimensão satânica do lobo, como a de que *o lobo não pode de modo algum devorar o braço direito das suas vítimas* devido a que é precisamente esse braço com que se traça o sinal da cruz. Relacionado com este facto estará também crença de que *o lobo só morde e consome o lado esquerdo dos animais* que mata, e só olha para o seu lado esquerdo. Existem ainda *rezas* (que consistem em adaptações do responso de Sto. António), proferidas ainda hoje em dia por vários pastores, que acreditam poderem *prevenir a predação do lobo* (seja quando este surge ao rebanho ou quando algum cabeça de rês se perde) ou as influências malignas do lobo.



Ilustração de Lobisomem a atacar um camponês  
Gravura de Juan José Bautista, retirada do livro de Ramón Grande

del Brio "El lobo ibérico: Biología y mitología", de 1984

No Norte de Portugal sobrevive ainda a lenda do *lobisomem* ou *Homem-lobo*, crença europeia com origens ancestrais. Ao contrário do que acontece noutras regiões do país, como o Alentejo e as Beiras, onde os lobisomens são pessoas que não tomam a forma de lobos - mas sim de cães, burros, cavalos, touros ou outros animais, no norte de Portugal o lobisomem é uma pessoa com uma maldição que a faz tornar-se durante a noite em lobo, à semelhança do que acontece no folclore galego e asturiano. Quando transformado, o Homem-lobo distingue-se de um canídeo verdadeiro porque adopta a posição bípede, no momento de atacar animais domésticos ou os viajantes que atravessam os bosques e os montes. O Homem-lobo pode ter como origem do seu "fado", a maldição dos seus próprios pais, ou se for sétimo filho consecutivo do mesmo sexo, de um matrimónio. Neste último caso, a única forma de prevenir a sua maldição é ser baptizado pelo irmão ou irmã mais velha. Acredita-se que maldição é quebrada se o lobisomem for ferido e derramar sangue na sua forma de lobo, ficando depois eternamente grato ao responsável da sua cura, tentando sempre que possível recompensá-lo.

No extremo norte de Portugal e na Galiza sobrevive ainda a crença de outra figura, a *Fada dos lobos* ou a *Peeira dos lobos*. Trata-se de uma mulher que tem o poder de comunicar e controlar alcateias de lobos, passeando-se com elas, durante a noite, pelos montes. É surpreendida muitas vezes por caminhantes, normalmente acompanhada de vários lobos em redor duma fogueira, no meio de bosques.

A *Peeira*, tem a capacidade de utilizar os lobos, quer em acções para ajudar o próximo (como acompanharem a casa caminhantes perdidos), quer para atacarem quem à *Peeira* prejudicar.

Uma das manifestações culturais mais impressivas relacionadas com o lobo e o Homem rural é a *utilização de partes do corpo do lobo como cura de doenças* em humanos ou animais domésticos. É sabido que para curar certas moléstias, era utilizado no Algarve durante o início do século XX os dentes, olhos, buço (pêlos brancos debaixo do queixo) e sangue de lobo. Em certas regiões das Asturias, são utilizados caninos de lobo na cura de feridas em cavalos, provocadas por lobos, ou na cura de inflamações do seio em mulheres em período de amamentação. No entanto, a qualidade mágica que se crê possuírem certas partes do corpo



do lobo é reconhecida implicitamente na denominada *gola do lobo*, ainda utilizada no Norte de Portugal. A gola do lobo consiste num troço da traqueia do lobo, utilizada para curar uma doença denominada "lobagueira", provocada pelo "mau ar do lobo" (ou as excreções do lobo) e que somente se manifesta no porco doméstico, animal que constituía a base da alimentação nesta região. O contágio dos suínos pode ser efectuado através de animais domésticos que, tendo sido expostos a esse "mau ar", se alimentem nas suas pias, ou ainda por meio do estrume transportado para a povoação e utilizado para cama dos animais, que não tenha sido convenientemente "cortado" com sal e cinza acompanhado de um pequeno esconjuro. Embora a utilização da gola do lobo pudesse ter tido uma utilização mais estendida alguns séculos atrás nas montanhas do Noroeste ibérico, a sua utilização generalizada foi perdida desde o início do século XX, à excepção do Barroso (pequena e remota área geográfica do Norte de Portugal), onde vários habitantes ainda mantêm em uso golas do lobo, algumas delas com mais de 150 anos de idade, que são transmitidas de geração em geração como um bem precioso.



Pormenor da Gola do lobo  
Fotografia: ©Francisco Álvares



Mulher a passar água pela Gola do lobo  
Fotografia: ©Francisco Álvares

Além destas manifestações culturais de origem ancestral, é necessário, também, ter em conta os "mitos modernos" do lobo, ou seja, a ideia generalizada da parte das populações rurais, de que os lobos actuais são diferentes dos existentes "antigamente" e que resultam de soltas massivas e deliberadas de lobos por parte do Estado ou de grupos ecologistas.

Contudo, apesar desta visão sobrenatural e distorcida do lobo, o Homem rural possui também uma visão aprofundada do lobo real. O grande número de *adágios* populares relacionados com o lobo, que conseguimos recolher são exemplo dessa relação. Embora alguns desses adágios reflectam a visão do lobo

mítico e sobrenatural (e.g. "*O lobo anda três dias a ar, três a barro e três a carne*"), outros reconhecem uma certa admiração ao lobo (e.g. "*a um lobo só lhe falta uma onça para saber mais do que um Juiz*") e muitos um profundo conhecimento de aspectos da biologia e ecologia do lobo (e.g. "*Carqueja florida, loba parida*"; "*No Inverno prefere o cão ao carneiro*"; "*Em Janeiro anda a loba ao roceiro*"; "*O lobo numa noite corre sete freguesias*"; "*Em Março nasce, em Abril no covil, S. João como um cão, S. Bento entre o fento, no Agosto mata com a mãe ao rosto*"; "*No S. João o lobo já enfrenta qualquer cão*").



O estudo e salvaguarda de todas estas manifestações culturais que valorizam o lobo como elemento cultural das comunidades rurais, é urgente e importante, não só do ponto de vista antropológico (pois exprimem os laços íntimos que unem as gentes rurais ao seu meio natural e condensam crenças pagãs e religiosidade católica), mas também por nos facultar informação fundamental para compreender as atitudes das comunidades rurais face ao lobo, permitindo soluções para a atenuação do conflito Homem-Lobo. Isto porque a conservação do lobo em zonas humanizadas como a Península Ibérica só é possível pela diminuição do conflito Homem-Lobo, conseguida através da sensibilização e educação ambiental.

Além disso, e uma vez que a distribuição do lobo coincide com zonas de montanha desfavorecidas economicamente, torna-se importante e urgente a implementação de acções

que melhorem o rendimento económico das populações rurais, nomeadamente através da diminuição dos prejuízos nos animais domésticos e de actividades de ecoturismo, que tiram partido de aspectos bio-ecológicos do lobo e do rico património cultural resultante da relação do homem rural com o lobo.

Apesar de ser difícil efectuar uma observação ou fotografia de um lobo em liberdade, o mesmo já não acontece com a essência do lobo imaginário. Este lobo, presente na cultura das comunidades rurais, poderá ser ainda facilmente visualizado através de imagens da ruralidade ainda presente nas montanhas do Norte de Portugal, como sejam nos monumentais Fojos do Lobo, nos rostos e histórias dos habitantes mais idosos ou num qualquer recanto das pequenas aldeias graníticas do Norte.

Texto extraído de:  
<http://www.terratur.com>

